

CEDI - P. I. B.
DATA 31 / 12 / 86
COD WTD 52

CO.PR.IND. 10/68

Da: COMISSÃO PRO INDIO - Prelazia de Roraima

A: FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - Rio de Janeiro

INFORMAÇÕES SOBRE A PACIFICAÇÃO
ÍNDIOS ATROARIS E WAIMIRIS

O rápido progresso da estrada intercontinental Br. 174, que abre novas perspectivas de integração nacional para o Território Federal de Roraima, veio conscientizar todos os responsáveis sobre um grave problema: os ÍNDIOS ATROARIS E WAIMIRIS. A história deles, nos últimos 200 anos, é uma sequência de erros e massacres, que não cabe à Prelazia apontar. Um levantamento moderado indica que na bacia dos Rios Alalaí-Jauaperí, Camanai e Uatumã os mortos conhecidos superam de muito os mil indivíduos. Os massacres foram recíprocos.

O Posto do S.P.I. "Irmãos Briglia", no Rio Camanai, foi exterminado duas vezes na década de 1940, sendo que na segunda vez houve uma sobrevivente. Ambas as vezes os índios tinham pedido o afastamento do Posto, posteriormente transferido na parte mais baixa do rio.

A Prelazia de Roraima foi convidada pelo 1º Distrito da DNEM de Manaus para assumir o trabalho de pacificação. Este foi aceite e, em julho de 1968, tudo estava pronto para a execução, após a elaboração de um plano objetivo. Nem a Comissão pro Índio, nem o Padre João Galleri, o mais preparado e competente, ignoravam os graves riscos do empreendimento.

Baseada neste pressuposto, a Prelazia de Roraima via com preocupação o rápido progresso da estrada e julgava inoportuno um contacto que partisse da mesma. Seria mais lento, mas mais seguro, um trabalho que contasse com o apoio de um grande rio, como o Jauaperí-Alalaí, reconhecido pelos próprios Índios como uma via universal de comunicação.

Ponderáveis razões econômicas, no entanto, exigiam um contacto imediato, partindo da própria estrada, pelo sentimento de insegurança da equipe construtora, já quase em contacto com os primeiros grupos indígenas.

Para este contacto foi autorizado o Sr. Gilberto. P. ato

Um pouso de helicóptero numa maloca e um encontro de poucas horas com um reduzido grupo de indígenas oriaram na opinião pública de Manaus a convicção que o problema era de fácil solução. O grupo marcou novo encontro para trinta dias depois, isto é para a primeira metade do mês de outubro.

A Prelazia de Roraima, pelo Ato Nº 2, de 6.8.1968, recebeu autorização para assumir integralmente a responsabilidade da pacificação. Na segunda metade de setembro iniciou novo estudo, condensado no "PROJETO DE TRABALHO", cuja cópia anexamos, aceitando um estado de ~~de fato~~ e incluindo no projeto anterior uma expedição preliminar, com base no Campo de pouso São Gabriel e nos acampamentos mais avançados do DER-AM e da Transcon. Não podia o Padre Calleri desconhecer o encontro marcado e a necessidade de não faltar à palavra.

Aliás, um sobrevôo pormenorizado da área demarcada para a construção da estrada deu aos Padres Calleri e Silvano a prefunção (totalmente desmentida pelos fatos) que os índios Atroaria do Igarapé Santo Antônio seriam os mais indicados para um primeiro contacto, porque afastados dos grandes rios, onde se efetuaram os choques mais conhecidos.

Lamentamos fatos, de alguns dos quais a Comissão pro e o Pe. Calleri tiveram conhecimento t rde demais e pelos quais seria totalmente injusto responsabilizar ou a FUNAI, ou a DER-AM, ou a DNER, ou a Transcon. Tais fatos deram-se, no passado e mesmo no período de trabalho na estrada, porque elementos impreparados foram levados pela necessidade ou por espírito de aventura a entrarem em contacto com os índios, desconhecendo os princípios básicos de respeito da personalidade e da psicologia dos mesmos.

Reconhecemos que a Br. 174 é uma exigência fundamental para a sobrevivência e progresso do Território Federal de Roraima. Julgamos porem que deverá ser temperada pelo respeito ao selvícola, dono legítimo das terras, levando em conta seu profundo ressentimento contra o branco, determinado por uma sedimentação progressiva e secular de ódio.

Ou este ódio será até alimentado pelo branco? Um boato incontrollável diz que estes índios seriam liderados por

um branco. Fala-se de um indeterminado ex funcionário do S.P.I. ou também de um boliviano. Fala-se de mutilações de cadáveres, coisa que não é própria dos Índios primitivos. Aliás estes Índios possuem uma cultura bastante desenvolvida, trabalham o ferro e suas flechas, com ponta metálica muito bem acabada, são obtidas dos instrumentos fornecidos ou conseguidos após o massacre dos siringueiros.

A Prelazia não ousará jamais condenar esses nossos infelizes irmãos primitivos, mesmo chorando a perda irreparável de uma dezena de vidas preciosas (no acompanhamento deveriam estar duas mulheres, seis homens e o Padre), pois as informações que tomou em mãos não nos permitem mais uma otimista avaliação da situação.

Padre Galleri sabia perfeitamente o risco que estava correndo e o quis correr, livre e espontaneamente, porque amava os Índios e desejava para eles um novo capítulo de história, onde seriam levados "comunitariamente" para a integração, sem choques ou rupturas com o passado.

A opinião pública internacional e, especialmente, a nossa responsabilidade e civismo brasileiros, tão humanitário e cristão, não permitem que estes Índios sejam considerados como inimigos do nosso progresso. Não é um obstáculo que deve ser eliminado, mas uma nacionalidade, digna de respeito e consciente dos seus direitos, que deve ser integrada.

A Comissão pro Índio acompanhou de perto o desenrolar-se do contacto, muito positivo até o dia 27 de outubro, como o provam as mensagens recebidas. Quatro dias de silêncio e de angustiante expectativa, que procederam a sétima e última mensagem impediram de sentir o início do agravamento da situação. Quando recebemos a mensagem Nº 7 julgamos chegado o momento de suspender a expedição preliminar, para o início e continuação da qual exigíamos que todas as condições fossem "totalmente favoráveis". Até o Padre demonstra claramente que o estava sentindo e talvez aguardasse a nossa manifestação a respeito. Mas o impenetrável silêncio da radiofonia no lo impediu.

Desde o dia 8 de novembro foram realizados sobrevôos sobre a área, sem resultados positivos, por falta de visibilidade. Ha três dias a primeira Zona Aérea de Belem desencadeou a operação "Busca e salvamento". Operam 5 aviões e um helicóptero. Mais um está sendo transportado para Manaus. Além do SAR, também o PARA-SAR entrou em ação e 16 paraquedistas chegaram ontem a Boa Vista e acompanham os aviões, prontos a prestarem

socorro, logo que aparecessem sinais da expedição. Mas vinte dias de silêncio e tão prolongados sobrevãos sem a mínima manifestação, mesmo agora que as condições atmosféricas permitem boa visibilidade, não admitem fundadas esperanças. Talvez o Padre Calleri, com a sua magnífica equipe, sejam destinados nos planos da Divina Providência a selar com um selo de heroísmo e de inolação aquele novo período de história dos Antroaris, que eles desejaram escrever e que outros saberão realizar, onde aqueles que nasceram na mesma terra poderão sentir-se filhos da mesma Pátria, unidos pelo AMOR.

São Paulo, 19 de novembro de 1968

Pe. Silvano Sabatini
Presidente da CC.PR.IND